



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

SOCIABILIDADES IMPOSTAS, SENSIBILIDADES EXPOSTAS: A MEMÓRIA SOCIAL DA HANSENÍASE NO CEARÁ

Gisafran Nazareno Mota Jucá*

1

No campo das produções historiográficas, a história cultural se nos apresenta como uma das possibilidades de avanço nas práticas teórico metodológicas, fazendo-nos reavaliar as possibilidades de análise de velhos ou novos temas elencados.

“Os espaços da história cultural” (Cf. KUYUMIJIAN; MELLO, 2008), demonstram a validade do seu caráter interdisciplinar, na busca de diferentes práticas e representações, permitindo uma aproximação concreta com as demais ciências humanas, sem alimentar o temido receio da perda de uma identidade profissional.

Nessa perspectiva, apoiamo-nos em um conceito, o da “transdisciplinaridade,” (DOSSE, 2003,p.403 – 414) que melhor expressa como se processa a aproximação de diferentes áreas do conhecimento, no campo das ciências humanas, sem a manutenção das rígidas barreiras idealizadas. Na realidade, o uso mecânico do velho conceito de interdisciplinaridade apenas anuncia, mas não comprova a realidade dessa aproximação entre diferentes áreas do saber. É como se a almejada aproximação de saberes permanecesse figurativa, sem a devida comprovação, afinal o conhecimento específico

* Professor Titular do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

de cada área de análise, no campo das humanidades, se projeta como um escudo contra as possíveis invasões das áreas consagradas como um conhecimento específico, capaz de manter-se fortalecido com a produção votada apenas ao seu imaginário de pesquisa.

As “representações” nos são reveladoras, pois não é apenas a materialidade dos objetos e espaços focalizados que nos revelam o significado da ação do homem no processo histórico, mas as imagens e símbolos, delineados ou idealizados, que nos permitem uma real compreensão das “práticas sociais” observadas. (PESAVENTO; SANTOS;ROSSINI,2008). A expressão do alcance das “representações” é bem fundamentada no comentário assim apresentado

As representações, então, são formas que encontramos de dar significado às tramas do mundo social, de maneira a torna-las compreensíveis. É por esse mecanismo que nos ajustamos ao mundo, nomeando-o e definindo a realidade do dia-a-dia. Portanto, as representações constroem sentidos para a realidade e, por sua natureza social, são sempre plurais, muitas vezes contraditórias, representativas dos interesses dos grupos que lutam para dar à realidade o sentido resultante de sua leitura do mundo social. (KUYUMIJIAN; MELLO, 2008, p.33)

Numa história situada entre a narrativa e o conhecimento, as incertezas e contradições podem ser superadas, recorrendo à maleabilidade da história cultural como expressão do sentido da transdisciplinaridade. (CHARTIER, 2002)

Consideramos a força do “poder simbólico,” (BOURDIEU, 2001), as possibilidades de recompor o passado nos múltiplos campos e canteiros da história, (BOUTIER; JULIA, 1998), como um apoio ao desenvolvimento da proposta de estudo sobre a “Ex-Colônia Antônio Justa”, destinada ao abrigo de hansenianos, no Ceará. Na realidade, ela se nos apresenta como uma demonstração das revelações transdisciplinares, através da indicação de um método plural, como denominamos o emprego da história oral, como opção metodológica. O uso da história oral nos associa ao caráter interativo da história cultural, permitindo uma aproximação mais espontânea com as demais ciências humanas, quebrando a rigidez das fronteiras antes imaginadas.

Por sinal, à primeira vista o emprego da expressão “história oral” pode parecer como uma denominação deveras limitada, ou seja, numa demonstração de uma metodologia dominada pela história. E o que apresenta a “história oral” como uma

opção metodológica inovadora diz respeito ao seu teor transdisciplinar, permitindo uma maior aproximação entre diferentes áreas das ciências humanas.

A própria Antropologia oferece possibilidades de um maior suporte teórico, na busca uma melhor compreensão da “Memória e [da] Identidade,” (CANDAUI, 2011), e nessa relação entre os diferentes tempos históricos, o entrelaçamento neles contido nos permite uma nova compreensão do conceito de tempo. (ELIAS, 1998).

O propósito central da presente comunicação não se restringe apenas a divulgação dos depoimentos coletados, na Ex-Colônia Antônio Diogo, com a apresentação dos dados e informes sobre a relação entre internos, familiares e o quadro administrativo e assistencial da entidade, mas destacando um aspecto, que expresse a originalidade da nossa abordagem: a busca das revelações, contidas nas “sensibilidades” e “sociabilidades”, presentes no histórico da temática estudada. (RAMOS ET ALL, 2010).

Nas mudanças registradas no campo da história, além das perguntas mais instigantes do que as tradicionalmente propostas, merece destaque

[...] a relação das sensibilidades com os documentos do passado exige muito do historiador que, por vezes, fica aturdido em descobrir o sensível em fragmentos que passam diante dos seus olhos. (PESAVENTO, 2010, p.20).

A busca da manifestação das sensibilidades como uma fonte de expressão das experiências vividas possibilita uma compreensão melhor fundamentada, uma vez que permite um aprofundamento na descrição das manifestações surgidas, propiciando uma análise mais reveladora não apenas de paisagens exteriores, mas remetendo-nos ao denso caudal dos sentimentos revividos através das recordações evocadas.

A visão idealizada, pelos que vivem fora da Colônia, com um pesado cenário de tristeza e dor, revela apenas uma das possibilidades do registro das ocorrências cotidianas, mas não se deve esquecer que os sentimentos manifestos também expressam os momentos de contentamento e satisfação, que se apresentam nas relações travadas entre os envolvidos no cotidiano da Instituição. Afinal, a sensibilidade possui um caráter que marca as relações travadas entre os agentes sociais., pois as emoções e

sentimentos compõem a complexidade do cenário montado pela ação social e pelas circunstâncias históricas das práticas adotadas.

A chamada “doença de Lázaro” inquieta a humanidade desde a Antiguidade, quando era definida muitas vezes como expressão do pecado mortal ou como uma demonstração de ações consideradas irreparáveis ao senso comum. O isolamento, expresso pelo receio constante de contaminação deixava cada vez os atingidos pelo mal como um ser inerte para o mundo ou mesmo uma ameaça aos que viviam.

Embora houvesse algumas ações coletivas, voltadas à prestação de assistências aos doentes, foi somente após 1930 que uma assistência mais estruturada foi aposta em prática, com a instalação das denominadas “Colônias”.

No Ceará, desde a década 1920, manifestavam-se as primeiras ações assistenciais, desejosos de instalação do leprosário, através da ação da Igreja católica, com o apoio de entidades médica e das autoridades constituídas.

O Dr. Carlos da Costa Ribeiro, em 1918, anunciava um plano de ação contra a temida doença. A ideia básica era implantar um afastamento residencial, dos mais favorecidos e a realização de um censo dos leprosos, na tentativa de localizar os suspeitos em diversos municípios. O resultado da pesquisa indica um total de duzentas pessoas atingidas, sendo metade delas residente na capital cearense.

Mesmo assim, a ação decisiva em prol da implantação de um órgão dedicado ao abrigo e assistência aos hansenianos foi devido à ação da Igreja Católica, conforme nos indica a Professora Zilda, tendo como base as notícias divulgadas pelo Jornal *O Nordeste*, Da Arquidiocese de Fortaleza. (LIMA, 2009)

No restante do país foi a partir da década de vinte que foram inauguradas as Colônias em alguns estados, num total de sete, sendo dois deles instalados na região Norte e dois no Nordeste.

No Ceará em 1928 foi inaugurado o Asilo da Canafístula, depois denominado Leprosário Antonio Dogo, com limitadas condições de um atendimento eficiente, mas muito elogiado pela aceitação do desafio, que a todos atormentava, como reconhecimento da necessidade de uma ação coletiva e não apenas como uma obrigação exclusiva dos órgãos estatais.

Como fruto desse envolvimento de diferentes agentes e setores, no assistencialismo implantado e considerando o emprego da história oral, como opção metodológica, dois conceitos nos faz pensar esse envolvimento singular e plural no processo estudado. Referimo-nos ao uso da categoria. “Memória Coletiva,” (HALBWACHS, 1990). E “Memória Social”. (FENTRESS; WICKHAM, 1994).

À primeira vista, as duas proposições se entrelaçam, como expressão de uma mesma interpretação acerca do recordar. Entretanto, é importante situarmos ao surgimento do conceito no momento histórico em que foi moldado, afinal, as definições elaboradas não surgem mecanicamente, mas são elaboradas de acordo com o contexto histórico vivido pelos envolvidos no processo histórico registrado

Contudo, a memória não se apresenta apenas como uma manifestação autônoma, onde o individual e o coletivo buscam a sua autoafirmação.

[...] esta distinção entre memória pessoal e memória social é, na melhor das hipóteses, relativa. Normalmente, as nossas recordações estão misturadas e têm ao mesmo tempo um aspecto social e outro pessoal. Mas essa parece ser uma razão escassa para supor que a própria memória se divide em dois compartimentos – um pessoal e outro social. E é ainda mais escassa para supor que uma parte das nossas recordações é objectiva ao passo que a outra é subjectiva. (FENTRESS; WICKHAM, 199, p. 20)

Por si só a memória é subjetiva, mas não foge ao meio onde o seu evocador está inserido, como observador e agente das práticas adotadas, com a partilha registrada com os demais agentes, que o cercam. Por isso, mesmo como manifestações espontâneas da subjetividade do narrador, o caráter social da memória não pode ser esquecido, as identidades pessoais e coletivas são projetadas através da memória.

Os depoimentos coletados a respeito da hanseníase, na nossa pesquisa, envolvem diferentes espaços e representações. Embora haja um traço comum aos envolvidos nas narrativas apresentadas, as práticas vividas num sentido coletivo e ao mesmo tempo, com as configurações específicas de cada momento ou narrador evocado como testemunho histórico.

Se a “sensibilidade” e a “sociabilidade” se apresentam como expressão das manifestações oriundas das práticas cotidianas, no trato dos principais agentes elencados, na nossa análise, é importante não esquecer que cada uma dessas categorias

de agentes envolvidos no processo apresentam suas peculiaridades, que possibilitam uma análise mais completa das relações estabelecidas no trato da questão narrada.

O confronto entre o setor administrativo e assistencialista da Colônia de Antonio Diogo, composto por médicos, enfermeiros e funcionários da entidade demonstram o envolvimento contínuo entre eles, apesar das diferenças de propósitos e ações levada a cabo., mas os testemunhos dos familiares dos internos nos proporcionam outra possibilidade de compreender a temática selecionada.

A particularidade dos familiares nos remete ao emprego de outro conceito, que nos permite uma melhor reflexão a respeito do significado da memória como fonte de pesquisa. É a denominada “pós-memória,” assim definida

Como pós-memória se designaria a memória da geração seguinte àquela que sofreu ou protagonizou os acontecimentos (quer dizer: a pós-memória seria a “memória” dos filhos sobre a memória dos pais) (SARLO,2007,p.91)

Na expressão da “sociabilidade”, as “sensibilidades“ nos apresentam diferentes possibilidades de compreender as experiências vividas, pelos envolvidos no processo observado, permitindo ampliar o painel constitutivo da realidade histórica estudada.

Para a ex-interna nesse Educandário, Maria Núbia Cabral,

Eu, particularmente, não tenho nada a reclamar, nem a dizer, porque primeiro nós não temos culpa por ter nascido em um problema de hanseníase. ... E acrescenta: A lembrança mais antiga é quando chega a época do Dia das Mães, Dia das Crianças, as festas juninas. Quando chega essa época eu me recordo de muita coisa. Principalmente o Natal, eu sei que é uma passagem muito bonita, mas eu fico triste quando chega a época, porque eu me lembro de tudo que passei lá, que hoje, particularmente, eu, Núbia, não vejo fora, apesar de estar na idade que já estou, eu não vejo. (LÔBO, 2012)

Em geral a hanseníase costuma afastar as pessoas saudáveis dos possíveis contatos com os atingidos pela doença, mas não se deve generalizar tal costume, pois existem outras pessoas que enfrentam o problema com uma perspectiva diferente. Embora não constituam uma maioria, elas representam uma modalidade diferente no trato com o preconceito social vigente em diferentes regiões, onde haja uma presença constante da propagação da doença.

Dentro os entrevistados, há um depoimento que nos tocou, de modo especial, o de uma atual funcionária pública concursada, que antes pertencia à Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas, responsáveis pela manutenção da Ex-Colônia de Antonio Diogo. A princípio, Maria Célia de Rezende trabalhou na outra colônia, de 1990 a 1994, implantada no Ceará, no município de Maracanaú-Ce. Depois foi transferida e pediu afastamento da vida religiosa e voltou a trabalhar com os hansenianos, mesmo após a saída das religiosas da direção da Colônia.

Segundo ela, a precariedade de recursos destinados à obra assistencial e o desinteresse do Governo Estadual em atender às necessidades crescentes dos assistidos fez com que as religiosas decidissem entregar a direção dos trabalhos da Colônia, antes sob a responsabilidade das mesmas.

Quando ela pediu licença, para afastar-se da Congregação residia em São Paulo e veio para o Ceará auxiliar A Irmã Liduína, a única religiosa que ainda permaneceu trabalhando com os hansenianos, após a entrega da direção da Antiga Colônia.

Como uma oportunidade de dedicar-se com mais empenho ao trabalho assistencial, ao regressar ao Ceará, submeteu-se a um concurso público, para auxiliar de enfermagem, em bora o seu desejo fosse de ingressar como técnica de laboratório. Posteriormente fez um curso de técnica de enfermagem. Desde 1999 havia pedido o afastamento das atividades religiosas e um ano após confirmou a sua saída da Congregação. A sua justificativa para um engajamento total no trabalho assistencial aos atingidos pela doença assim foi justificado

Eu sou muito devota de São Francisco e gostaria muito de seguir Nosso Senhor de maneira que ele seguiu. Aqui estava muito carente naquela época. Tanto que as irmãs saíram por conta das dificuldades, nós chegamos aqui logo depois que elas saíram. Essa direção quando assumiu chegou a ter que cozinhar no carvão. Eu pensei em ir embora., porque eu não via condições para nada. Aí foi quando Deis suscitou anjos da guarda, que começaram a ajudar. O Estado não coloca dinheiro aqui dentro, a gente não recebe dinheiro, é licitação. Então teve um tempo que não vali a pena. A gente amanhecia o dia e não tinha o que fazer. Não tinha material de curativo, não tinha material de campo,. Aqui não tinha nem uma enxada. (REZENDE, 2011).

Graças à iniciativa da ex-freira, que consegui apoio financeiro e material, junto a empresas privadas, a situação passou por mudanças, atendendo as necessidades básica

do funcionamento da entidade. Pessoas de apoio foram contratadas, por serviços prestados, algumas reformas foram efetuadas nas instalações disponíveis, como calçadas, rampas, além da compra de material de campo, superando antigos dilemas, assim apontados

Aqui o hospital liga para Secretaria pedindo uma enxada, comida para cavalo e a resposta é a seguinte: como o hospital precisa disso? Então há coisas que você não consegue encaixar. Graças a deus nós estamos num período muito bom. Não havia material de limpeza, roupa de cama. Vivemos situações horríveis, de eu pensar que não valia a pena. Mas hoje eu recebo muitas ajudas. Conseguimos até formar um time de futebol, onde as pessoas saem do alcoolismo. Funcionários trabalham e recebem metade de uma cesta, mandada pelas Casas Freitas, que contribuem bastante para o nosso trabalho. (REZENDE, 2011).

A espontaneidade do depoimento revela a doação de uma vida a uma causa considerada superior, baseada no respeito aos menos favorecidos, como expressão da caridade evangélica. Tal escolha pessoal é assim justificada

Eu deixei de ter a minha família, deixei de ter meus filhos para poder ser feliz, foi por uma causa maior. Foi como consequência e quando eu estava na vida religiosa eu comecei a ver que a estrutura daquele modelo de vida me impedia de fazer aquilo que eu queria fazer e para os meus objetivos, havia restrição. Eu sou muito teimosa, enquanto não me convenceo de uma coisa, eu continuo. Eu tinha e ainda tenho muitos limites pessoais. E precisava passar pela vida religiosa. Como se eu tivesse indo de escada e Deus me oferecesse um elevador. ... A vida religiosa me ajudou a muito a aprofundar mais a minha fé, mas eu vi que a vida religiosa não ia me ajudar a ser feliz da maneira que eu quero. E hoje aqui eu sou muito feliz. (REZENDE, 2011).

Diferente da situação propiciada pela ação da ex-freira, a situação dos assistidos, residentes nessa segunda colônia é bem diferente. A falta de recursos e assistência oficial mudou completamente a paisagem local. Antes o terreno era murado, com a devida segurança tanto aos residentes nas enfermarias, quanto aos casais, instalados em algumas residências disponíveis.

Nas palavras de uma filha de hansenianos, cuja mãe ainda hoje reside em na Antiga Colônia de Antonio Justa,

A situação está horrível em Antonio Justa, ali foi tudo invadido, acabou com as belezas, com a estrutura da Colônia, mas faz tempo isso, desde que as irmãs entregaram o convento por conta das

dificuldades, faltava médico, faltava ajuda, faltava tudo. Hoje você vai à Colônia, quase não tem funcionários, a maioria já se aposentou. (CABRAL, 2012).

Como demonstração do resultado social da dedicação da ex-religiosa, observamos o comportamento de outro entrevistado, Antonio Guilherme de Matos, filho de uma mãe ali interna, que estimulado pela trabalho da “Irmã ceélia” dedicou-se totalmente ao trabalho justo à Antiga Colônia Antonio Diogo.

A Irmã Célia foi a pessoa que me levou a SEMACE, no IBAMA. E ela serviu de exemplo para mim, porque ela é uma pessoa que ama e respeita o meio ambiente em que vivemos. Ela paga as pessoas para me ajudarem a poder as árvores, a matar cupim e para deixar tudo limpo. Tem mais de duzentas pessoas que trabalham e ganham cestas básicas conseguidas por ela, através de doações. As famílias que trabalham de 7:00 às 10:30 ganham meia cesta básica. Existe mais de quatrocentas famílias cadastradas, trabalhando para ganhar cesta básica (MATOS, 2011)

Os depoimentos apresentados concentraram-se nos que prestam assistência aos hansenianos. Tal opção justifica-se não apenas em um receio de cair no tradicional relato, segundo o qual a vida dos atingidos pelo mal é só expressão de sofrimento e dor. Muitas narrativas poderiam complementar os depoimentos apresentados, demonstrando que os que ali residem, vítimas do internamento que lhes foi imposto, também demonstram suas sensibilidades num sentido positivo, demonstrando a descoberta de um saber viver ante às imposições sociais, que lhes foram impostas. As palavras da ex-interna Maria Auxiliadora Meireles de Souza expressam o seu modo de vida: “quando a gente se acostuma com um canto, só quer estar naquele cantinho” Esse cantinho é um espaço revelador que as sociabilidades impostas nem sempre aniquilam o poder expressivo das sensibilidades individuais e coletivas..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.,

KUYUMIJIAN, Marcia de Melo Martins; MELLO, Maria Thereza Negrão de Mello. (Orgs). *Os espaços da história cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

CANDEUA, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

DOSSE, François. *O Império do sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ELIAS, Nobert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FENTRESS, James; WICKMAN, Chris. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1994.

JULIA, Dominique; BOUTIER, Jean. (Org.) *Passados Recompuestos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998.

HALBACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LIMA, Zilda Maria Menezes. *Uma Enfermidade À Flor da pele: A Lepra em Fortaleza. (1920 – 1937)*. Fortaleza: Museu do Ceará: SECULT, 2009. (Coleção Outras Histórias, 59).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Pensar Com o Sentimento, Sentir Com a Mente* Bienal de Veneza, 2007; 52ª. Exposição de Arte in RAMOS, Alcides Freire et. Al. (Orgs.) *Olhares Sobre a História: culturas sensibilidades sociabilidades*. São Paulo: HUCITEC, Goiás: PUC Goiás, 2010, p. 20.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. *Narrativas, Imagens e Práticas Sociais*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

RAMOS Alcides Freire; MATOS, Maria Izilda Santos de; PATRIOTA, Rosangela. (Orgs.) *Olhares sobre a história: culturas sensibilidades sociabilidades*. São Paulo: HUCITEC,; Goiás: PUC Goiás, 2010,

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.